

O cotidiano impresso das colunas sociais paraibanas

Tarcineide MESQUITA¹

Resumo

Este trabalho busca verificar como se apresenta o colunismo social contemporâneo e o seu modo particular de construção do cotidiano, observando as narrativas sobre o espaço público, as formas de socialidades existentes e os distintos estilos de vida. O arcabouço teórico-metodológico da pesquisa emerge a partir das noções-chave da Sociologia do Cotidiano, tendo como primeira referência o francês Michel Maffesoli. São objetos de análise, três colunas sociais paraibanas: a Coluna Abelardo Jurema (Correio da Paraíba), a Coluna Gerardo Rabello (Jornal da Paraíba) e a Coluna Goretti Zenaide (O Norte), selecionadas aos domingos dos meses de julho, agosto e setembro de 2011, totalizando 39 colunas.

Palavras-Chave: Coluna Social. Cotidiano. Jornalismo impresso. Socialidades.

Introdução

“Em sociedade tudo se sabe”. Dizia o colunista social brasileiro Ibrahim Sued. A frase pronunciada por quem cobriu por mais de 40 anos o *high society* carioca, exprime bem uma das peculiaridades desse gênero jornalístico – o mexerico. Mas, se pensarmos no caráter multifacetado que a coluna social (de ontem e de hoje) apresenta, veremos que não é apenas de fofoca e retratação da vida mundana que ela sobrevive. Ao contrário, a coluna social acompanha de perto fatos e notícias importantes, buscando entre a “frivolidade” e a informação de cunho mais subjetivo, servir a variados públicos.

O próprio Ibrahim Sued costumava mesclar informações sobre a vida social carioca com notícias sobre política e economia ou eventos internacionais. Esse estilo inegavelmente fez escola, abarcando cada vez mais um número maior de colunistas (em todo o país) preocupados em ir além da cobertura de festividades.

Observando o cotidiano, os colunistas sociais narram diferentes modos de interação humana e de socialidade. A atividade prática do colunismo designa as formas

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba e integrante do Grupo de Pesquisa sobre o Cotidiano e o Jornalismo - Grupecj – PPGC/UFPB. E-mail: tarcimesquita@gmail.com.

de apresentação dos atores nos eventos sociais – festas (de casamentos, de aniversários e demais comemorações) e manifestações artístico-culturais presentes em nossa localidade (lançamento de livros, shows, etc.), como também assinala a preocupação com o espaço público e a cidade, descrevendo cenários, paisagens e construindo a realidade.

Para constatar tais hipóteses e, sobretudo, verificar como se dá a forma de apresentação (construção) do cotidiano nas colunas sociais, o presente trabalho analisa (sob uma perspectiva formista) três colunas paraibanas – Coluna Abelardo Jurema (Correio da Paraíba), Coluna Gerardo (Jornal da Paraíba) e Goretti Zenaide (Jornal O Norte). O *corpus* é composto por um total de 39 colunas, coletadas aos domingos dos meses de julho, agosto e setembro de 2011.

Acreditamos que essa seja mais uma tentativa de análise científica que busca encarar o colunismo social não somente como um jornalismo vinculado à frivolidade e à superficialidade, mas também como fomentador do debate público e como modo de retratação da nossa vida cotidiana.

Coluna social: características e tentativas de classificação

Por agregar diferentes formas discursivas, a coluna tornou-se um gênero marcante na identidade do jornalismo impresso brasileiro (CHAPARRO, 2008). O fato de assumir uma posição fixa no jornal, delimitada esteticamente e ter caráter pessoal também contribuiu para isso.

A questão dos gêneros (como sabemos) é polêmica, mas deve ser destacada, pois, com o reconhecimento da disposição híbrida da coluna e de outros gêneros, as teorias dos gêneros jornalísticos começam a ser reformuladas. Antes, com Melo (1985/2003) baseado em Beltrão (1980), a coluna era acolhida como parte do Jornalismo Opinativo. Já a partir do estudo comparativo realizado por Chaparro (1998/2008), o paradigma que separa informação x opinião sai de cena, colocando a coluna como gênero singular, por abarcar diferentes formas discursivas jornalísticas.

Seixas (2009) amplia e atualiza a discussão sobre os gêneros, estabelecendo os principais critérios de definição do gênero discursivo jornalístico a partir da

compreensão das classificações clássicas² para as diferentes mídias no Brasil, Espanha e França. A autora propõe a divisão entre **gêneros discursivos jornalísticos** e **gêneros discursivos jornalísticos**, situando a coluna na primeira categoria. Desse modo, um gênero discursivo jornalístico, obrigatoriamente:

I. tem como enunciador, no ato da troca comunicativa, a instituição jornalística; II. a competência de procedimento é de sujeito comunicante da organização jornalística; E frequentemente: III. satisfaz a uma ou mais finalidades institucionais; IV. apresenta uma lógica enunciativa formada majoritariamente pelo compromisso de adequação do enunciado à realidade, como objetos de acordo e/ou argumentos de acordo operados interpretados segundo tópicos jornalísticos (SEIXAS, 2009, p. 332).

Os gêneros jornalísticos diferem dos jornalísticos basicamente pelo fato da instituição jornalística não fazer parte da dimensão do enunciador, ou seja, o enunciador não está diretamente ligado à organização jornalística, possuindo outra formação discursiva. Fazem parte desta categoria: artigo, crônica (brasileira), carta, fórum, caricatura, boletim de agência (francês), tribuna livre (francesa) e les bonnes feuilles (francesa).

Na análise de Seixas as condições de enunciação e as condições extralinguísticas da prática discursiva são observadas, com forte influência bakhtiniana. No que tange à classificação da coluna, devemos pensar até que ponto o colunista atua como enunciador da organização jornalística, já que esse é um gênero que tem autoria conhecida e especializada e que pode funcionar sem o estabelecimento de vínculo empregatício entre o editor da coluna e a empresa.

Melo e Chaparro, diferente de Seixas, dedicaram uma parte de seus estudos para demonstrar as particularidades da coluna. Ambos salientam o caráter individual que tem o colunismo. Para Melo (1985, p. 105) “a coluna corresponde à emergência de um tipo de jornalismo pessoal, intimamente vinculado à personalidade do seu redator [...]”. Já Chaparro ressalta que:

A hibridez da Coluna dá-lhe a capacidade e vocação para que a informação e a análise se complementem, ampliando o espaço de liberdade para o estilo de autor. Além disso, mantém periodicidade

² Luiz Beltrão e José Marques de Melo são exemplos de classificações clássicas brasileiras.

que acompanha o ritmo dos acontecimentos, o que lhe garante ligação viva com as emoções e relevâncias do dia-a-dia, e tem um traço de subjetividade que a torna particularmente interessante: seu poder de persuasão está na credibilidade do jornalista que a assina. O bom colunista desfruta de prestígio próprio e de autonomia dentro do jornal, para o qual se transforma em conquistador de leitores fiéis (CHAPARRO, 2008, p. 211-212).

Chaparro (2008) ressalta ainda que tão forte é o colunismo no Brasil que se tornou uma atividade profissional quase autônoma, com características de mercado profissional paralelo, inclusive com agenciamento de colunas e colunistas para redes de jornais.

Por tudo isso, a coluna é um gênero (ou espécie, como prefere Chaparro) ambíguo, híbrido, denso e, portanto, complexo de categorizar. Possui diversos tipos e finalidades, o que dificulta ainda mais a missão. Como classificar o colunismo social? Seria uma variação do gênero coluna, um subgênero do jornalismo?

Alguns trabalhos começam a surgir sobre essa questão, como é o caso da Tese de Paula Francinete da Silva (UNB), “A coluna como gênero de fofoca” (2010), e o estudo realizado por Ani Mari Hartz Born (UNISINOS), “Mídia e vida social: uma reflexão sobre categoria, gênero e subgênero”, apresentado no Congresso da Intercom da Região Sul, em 2010.

O primeiro estudo identifica a coluna social como um gênero misto, nascido da interseção entre o gênero fofoca e o gênero coluna, vindo do jornalismo ideológico que se configurava como espaço de pessoalidade e opinião. A autora realiza uma análise das colunas sociais editadas pelo jornal O Globo entre os anos de 1987 e 1989, período em que a sociedade brasileira transitava do regime ditatorial para o democrático. Assim, contrapondo os textos da coluna social com o estudo dos gêneros jornalísticos foi observado que a coluna social não poderia ser encaixada em um gênero específico, posto que o que a caracterizava era uma grande mixagem de textos.

Na busca por caracterizar a coluna social como um espaço de mexericos, Silva (2010) reconheceu que a classificação dos gêneros jornalísticos está ligada à própria evolução do conceito de jornalismo e que a coluna social se constitui de dois elementos fundamentais: a memória e o riso.

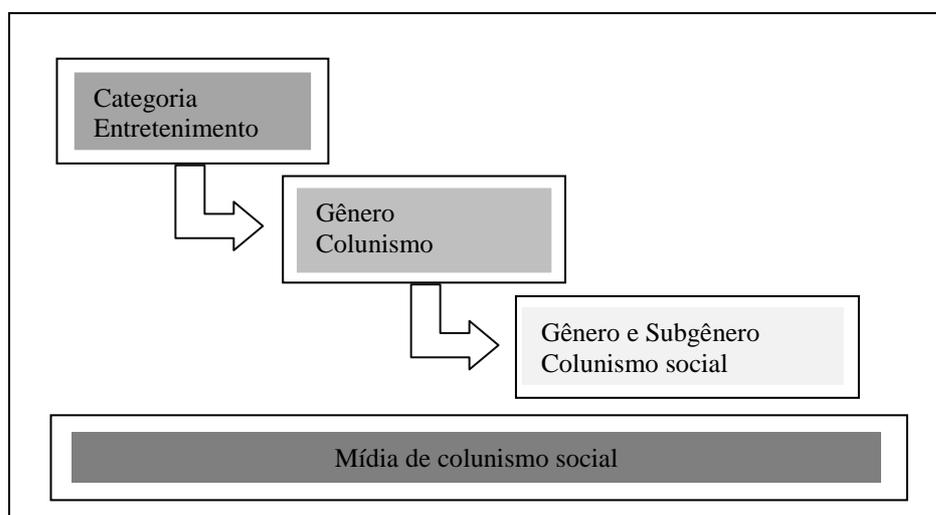
O segundo trabalho reflete mais profundamente sobre a questão de como se referir a um tipo de mídia que aborda predominantemente a vida em sociedade. Para

isso, Born (2010) analisou o conteúdo de diversas mídias (jornal, revista, televisão e internet) de Porto Alegre com intuito de buscar uma nomeação e classificação mais adequada para o jornalismo que veicula eventos sociais.

A pesquisadora ressalta em seu artigo que forma e conteúdo são os critérios normalmente utilizados nos estudos de categorias e gêneros de autores clássicos como Beltrão e Melo. E os subgêneros não são normalmente trabalhados sob esta nomenclatura. Para o estudo dos gêneros televisivos foi utilizado como referência a obra de José Carlos Aronchi de Sousa, “Gêneros e formatos na televisão brasileira” (2004).

Desse modo, Born verificou que estes autores trabalham com duas categorias (jornalismo opinativo e de entretenimento), dois gêneros (coluna e crônica) e um subgênero (social) para comporem um gênero próprio. A partir disso, o estudo demonstra que é possível a utilização de categoria, gênero e subgênero somente utilizando o critério conteúdo/tema, eliminando o critério quanto à forma (TAB. 1):

TABELA 1 – Classificação do Colunismo Social



Fonte - BORN, 2010, p. 13.

A autora explica que a escolha da categoria sob o nome “Entretenimento” se deu em relação ao fácil entendimento do senso comum e pelo fato de não descartar seu caráter opinativo. A opção pelo gênero “Colunismo” se deu pela noção de mais liberdade de estilo e não remeter a um formato pré-estabelecido de Coluna/Crônica, pois transmite a ideia de ação, movimento. Já o subgênero “Colunismo Social” foi escolhido em virtude dos temas encontrados na pesquisa exploratória tratarem da vida em

sociedade, embora esse subgênero também revele seu caráter impresso, mas em menor grau do que a palavra “Coluna”. Portanto, foi adotado o tipo de mídia estudado como “mídia de colunismo social” (BORN, 2010).

O que podemos notar com o resultado desses dois trabalhos é que a preocupação em classificar, nomear e caracterizar o colunismo social é pertinente e vem requerer uma análise cuidadosa da teoria dos gêneros discursivos, bem como do próprio texto jornalístico. Assim, é relevante notar que estas preocupações e tentativas estão apenas começando sem um determinado fim, pois um gênero encontra-se em permanente transformação, assim como o jornalismo, a mídia e tudo o que a linguagem cerca.

O cotidiano na coluna social

A coluna, como já mencionamos, tem propriedades estruturais que a diferencia de outros gêneros jornalísticos. Sua constante formatação gráfica e localização nos cadernos de cultura servem como identificação rápida ao leitor, atraindo-o para a leitura. Os colunistas, nesse sentido, cumprem o papel de selecionar (como bons *gatekeepers*) os assuntos provenientes do corpo do jornal ou de outros meios que mereçam comentários.

Nas colunas sociais estão presentes micronarrativas que abrangem diversas áreas como: social, política, economia, cultura, esportes, internacional e saúde. Em razão disso, o colunismo social se consagra como um território que abarca a totalidade da experiência cotidiana, podendo descrever muitas de suas formas. Esse gênero do jornalismo revela também nossa maneira de interagir e de nos relacionar em sociedade, os ritos de passagem, a nossa aparência e vinculação com o mundo.

As festas, a polêmica, a fofoca, os bastidores da política, a agenda cultural, a crítica sobre o descaso com o espaço público e tantos outros temas, constituem a vida social e a movimentam, gerando em nós diversas impressões. Esse é o papel da mídia, que bem mais do que informar pode nos orientar, atribuindo significados ao mundo.

Assim, o cotidiano encontra-se inscrito na coluna social através de seus temas e atividades mundanas, porque não dizer banais. Maffesoli (1984) nos lembra que é na vida mais concreta que existe mais socialidade:

A animação das ruas, a vida dos bares, os rumores da circulação, os diversos odores que percorrem a cidade, constituem um espectro semântico que deve ser decifrado. Os mínimos atos da vida banal constituem um ‘ambiência’ que se desmembra em vários territórios. Passando de um a outro, descobrimos diversas formas de socialidade. Não há nada de comum entre a praça junto à saída de uma fábrica e a praça do mercado ou dos velinhos ociosos, como não há entre o burburinho dos botequins e o rumor de uma manifestação e, no entanto, todos esses elementos (e outros ainda) perfazem juntos um território e suas particularidades, a especificidade da poesia cotidiana que se vive bem mais do que se verbaliza e que, por ser obra coletiva e anônima, é expressão gestual e plural da vida social em seu desenvolvimento (MAFFESOLI, 1984, p. 61).

O espaço público e a cidade são os espaços privilegiados em que brotam os assuntos e as formas de socialidades nas quais o colunista vai narrar. Um colunista social não é um simples observador da realidade social, pois ele descreve a realidade ao mesmo tempo em que a constitui.

Os atos comuns da vida cotidiana, os objetos mais triviais que constituem o meio circundante de todos os dias, as festividades, o lazer, tudo isso se encontra sob o olhar do colunista social, seus aspectos matizados e luxuriantes, fato importante que explica a fascinação que a coluna social exerce sobre o leitor. Contudo, essa cristalização social nada mais faz do que acentuar um caráter encontrado no cotidiano (MAFFESOLI, 1984).

A acentuação feita pelo colunista pode resultar num “mostrar desmedido”, vulgarizando a aparência dos objetos e dos atores. A imagem mais que o texto é a responsável por isso. Nesse caso, a imagem visa reforçar a experiência cotidiana, mas também alimentar o fascínio.

Como nos contos, nas lendas populares, a imagem eufemiza o que, na prática de todo o dia, passa despercebido. Essa eufemização do tempo e do espaço mostra a ligação orgânica, no sentido forte do termo, que une fantástico e cotidiano. [...] Essa relação ‘totêmica’ que pode assumir múltiplas formas encontra-se na fascinação que exercem o chefe, a vedete, o herói, o criminoso, etc., onde a força dessa relação reside no fato de encontrarmos nesse totem, nesse ícone, um pedaço de nós mesmos, de nossa vida. [...] A imagem do filme, da história em quadrinhos, do semanário sensacionalista, que revela a vida cotidiana da vedete em voga, ressalta com força toda a carga fantástica, mágica, contida em nossa própria vida (MAFFESOLI, 1984, p. 73-74).

Nesse sentido, as imagens “fantásticas” dos modos de vida apresentados pelo colonismo social constituem importantes reveladores da realidade social, mesmo sofrendo acentuações ou cristalizações particulares. Já os atores ali colunáveis, mundanos, tornam-se visíveis pelo papel que ali representam. Advogados, empresários, políticos, artistas, todos fazem parte da teatralidade da vida cotidiana.

A teatralidade cotidiana pode convir como meio para compreender a estrutura da vida social, já que, nesse palco, os atores e enredos se repetem e se renovam continuamente. Dessa maneira, “o cotidiano é em si, uma maneira de experimentar a vida (BRETAS, 2006, p. 30).

E as colunas sociais cumprem o papel (como mídia) de incluir e reportar as manifestações empíricas que servem de objeto para o entendimento da vida cotidiana. O modo como o colunista apresenta o cotidiano local oferece pistas para identificarmos valores e significados próprios de nossa comunidade. Na verdade, os discursos e as imagens das colunas sociais constituem maneiras de ver as formas de vida e de comportamentos do nosso tempo.

O espaço cotidiano, ocupado pelos indivíduos e por coletivos, abriga uma infinidade de signos capazes de dar expressão a ideias e pensamentos que, por sua vez, constituem um habitat virtual compartilhado e atualizado pelas mentes dos indivíduos. Situam-se aí profusões de imagens fixas e em movimento, palavras para praticar conversas, vender produtos, produzir distração, proporcionar prazer estético, explicitar conhecimentos e informar sobre acontecimentos locais e globais. Enfim, servem para apresentar o mundo e a vida cotidiana e para permitir as interações sociais (BRETAS, 2006, p 40).

Ao oferecer notoriedade e um viés público a questões privadas, por exemplo, as colunas sociais podem contribuir para a formação de imaginários sociais ligados, sobretudo, à ostentação de valores materiais pelos atores. Mas se por um lado as imagens nas colunas refletem apreciáveis estilos de vidas, por outro, as notas e micronarrativas denotam uma preocupação mais próxima do jornalismo noticioso.

Assim, mesclando notas de caráter social com notícias sobre política, economia cultura, entre outras, o colonismo social apresenta diariamente diferentes aspectos do cotidiano local ao público-leitor. Mas como se dá a forma de apresentação (construção)

do cotidiano nas colunas sociais? Quais aspectos do cotidiano local são revelados? Estas indagações nos motivam partir da teoria para análise de material empírico.

Nosso *corpus* é constituído das principais³ colunas sociais paraibanas: Coluna Abelardo Jurema (Correio da Paraíba), Coluna Gerardo (Jornal da Paraíba) e Goretti Zenaide (Jornal O Norte), veiculadas aos domingos dos meses de julho, agosto e setembro de 2011, totalizando 39 colunas.

A análise da vida corrente, por sua complexidade, vem requerer métodos apropriados que possibilitem uma clara apreensão dos fenômenos que compõem o tecido social. Para isso, elegemos como método de análise, o “formismo”, proposto por Michel Maffesoli, que sugere uma cientificidade mais generosa e uma forma agregadora em que tanto o anedótico quanto o *evenemencial* (relativo aos acontecimentos) encontram seus lugares em configurações que podem vir a ser assinaladas (MAFFESOLI, 2007).

O colunismo social paraibano e a apresentação do cotidiano local

As colunas analisadas, como hábeis representantes do gênero, versam sobre variados temas, que perpassam o social, o econômico, o político, o espaço público e o turismo até chegar aos temas que não aparecem com tanta frequência como esporte, moda e a área de saúde. Diariamente encontramos vários desses temas juntos, compondo o que Melo (1985, p. 105) chama de “um mosaico, estruturado por unidades curtíssimas de informação e opinião, caracterizando-se pela agilidade e pela abrangência”.

Apesar das três colunas privilegiarem o aspecto social do cotidiano⁴, é visível que a coluna da jornalista Goretti Zenaide apresente o maior número de notas sobre a temática social e cultural, não se atendo a comentários ligados à área de política e economia, por exemplo. Este aspecto talvez seja o que mais distancie as três colunas, pois se continuarmos a estabelecer uma ordem para quem se detêm a abordar com mais

³ Principais pela tradição dos colunistas sociais. Abelardo Jurema tem 37 anos de colunismo social na Paraíba e Gerardo Rabello 26 anos. Já a jornalista Goretti Zenaide completou este ano 16 anos de colunismo social praticado no estado.

⁴ Referimos-nos às festividades e celebrações que movimentam a vida diária, não que o social enquanto categoria signifique apenas isso.

tenacidade a vida social e cultural da cidade, teríamos em segundo lugar o jornalista Gerardo Rabello e em terceiro, o jornalista Abelardo Jurema.

Vejamos dois exemplos de notas, publicadas na coluna de Goretti Zenaide no dia 03 de julho de 2011, que demonstram esta preferência temática:

“A Estação Cabo Branco abre hoje três novas mostras de artes em comemoração aos seus 3 anos de funcionamento. São as exposições “Esconde, Esconde”, “Monumentos Barrocos do Brasil” e “Mostra Digital”.

A sociedade pessoense tem encontro marcado hoje no restaurante panorâmico do Clube Cabo Branco. Com a realização da 12ª Feira Junina, evento que será animado pelo grupo de Laercio Alves e que terá ainda concurso da indumentária junina mais rica em detalhes, seja individual ou em grupo. Os vencedores vão ganhar uma jóia da F.Lavor, uma tela do artista plástico Clóvis Júnior, uma blusa da Baú Chic e uma calça da Cores e Formas. O almoço, a partir das 12h, será com uma deliciosa feijoada e coquetéis incríveis das cachaças paraibanas São Paulo e Cigana.

Nas notas, observamos os temas relacionados, respectivamente, ao cotidiano cultural e social da cidade – temas predominantes nesta coluna e na Coluna Gerardo. A Coluna Abelardo Jurema é, portanto, a coluna que mais combina assuntos e que mais gera polêmica, em razão da preocupação com temas ligados à esfera pública.

A prova disso é que nela se destina um espaço de discussão (pública) chamado “Fale com Abelardo” em que cidadãos comuns ou autoridades (políticas, judiciárias, etc.) comentam e dão a sua versão dos fatos publicados na coluna (nem sempre sobre a opinião do colunista), reiterando ou discordando do que vem repercutindo. Em certas ocasiões, o espaço serve para simplesmente dispor elogios ou agradecimentos. Tal fenômeno pode ser observado a seguir:

Alex Lima – João Pessoa – Caro Abelardo, li em sua coluna as observações da direção do Trevo Motel com relação ao meu agradecimento ao fechamento da entrada da BR 230 nos horários de pico creditado as autoridades competentes, quando na verdade foi uma iniciativa do próprio motel. Portanto, retificando, fica aqui registrado agora o meu agradecimento a diretoria do trevo Motel. (Coluna Abelardo Jurema/Fale com Abelardo, 28 de agosto de 2008).

A nota põe em destaque o serviço prestado por parte da coluna, que alcançou êxito e reconhecimento por parte do leitor/cidadão. É comum na Coluna Abelardo Jurema a inquietação com temas dessa natureza, que visem a melhoria do espaço público urbano. Da mesma forma, é corriqueiro a divulgação com sucesso de seus pedidos atendidos, vejamos um exemplo:

As críticas da coluna parece que tiveram serventia e a Prefeitura Municipal entrou em ação e promoveu serviços na praça João Pessoa, aparando o gramado, limpando as suas alamedas, cortando árvores e arrancando o mato que tomava conta do lugar. Agora está faltando apenas consertar e pintar os bancos, repor os mosaicos do piso, e dar uma geral também no monumento central, o Altar da Praça, de autoria do artista Humberto Cozzo, um dos mais famosos escultores e mosaicistas brasileiros, inaugurado em 1933 em homenagem ao presidente João Pessoa e à Revolução de 30, com a presença do próprio presidente Getúlio Vargas. (Coluna Abelardo Jurema, 31 de julho de 2011).

Essa nota claramente demonstra a preocupação do colunista com o espaço cotidiano, como se o colunismo social (assim como outras formas de jornalismo) exercesse também a função social de mediar ou prestar serviços aos cidadãos. Assim, o cotidiano da cidade é revelado inteiro, com o seu caráter disjuntivo. E esse é justamente um dos problemas da representação do cotidiano nas mídias (PEREIRA, 2008).

O colunista Gerardo Rabello também torna o espaço cotidiano tema em sua coluna, mas com menos periodicidade. Um exemplo dessa tematização é a nota “Vergonha”, publicada no dia 31 de julho:

Região histórica mais visitada pelos turistas, a área da Festa das Neves – onde está o convento de São Francisco, a Igreja de Nossa Senhora do Carmo e a Basílica – está proibitiva nesses primeiros dias de agosto. Com a instalação das barracas e brinquedos – incluindo as tendas para alguns dormirem durante o dia – o turista terá a impressão de que está passeando num acampamento de sem-terra. Daqueles que a pobreza é gritante. O fim.

Na nota, o jornalista descreve um cenário cotidiano típico do período de realização da festa da padroeira da cidade, preocupando-se com a imagem da localidade perante os turistas, com uma linguagem crítica e persuasiva.

No que tange a estrutura, as colunas analisadas aproximam-se por apresentarem espaços destinados a notas curtas que lembram os aniversariantes e os eventos do dia: “Zum Zum Zum” (Goretti Zenaide), “Via Social” (Gerardo Rabello), “Lance Livre” (Abelardo Jurema). Tanto a Coluna Abelardo Jurema quanto a coluna de Goretti Zenaide apresentam ainda espaços para reflexões do dia, em que frases de escritores ou músicos famosos são difundidas: “Reflexões atemporais” e “Ela disse; Ele disse”, respectivamente, numa tentativa de “amenização” da vida cotidiana.

A coluna de Goretti Zenaide se diferencia também das demais colunas por outros dois aspectos: é a única que não veicula propaganda e que se apresenta no formato berlinense ou *midi* (mede 470 × 315 milímetros), obedecendo ao formato do próprio jornal que é impressa. A Coluna Abelardo Jurema e a Coluna Gerardo são do formato tradicional standard.

Em comparação ao jornalismo de caráter noticioso, o colunismo social, por estar mais claramente vinculado ao seu autor/a, possui uma linguagem mais próxima da oralidade, prevalecendo os adjetivos e neologismos em suas notas e legendas. Chaparro (2008, p. 131) afirma que esse gênero “estimula as interações e interlocuções com o leitor”, além de naturalmente dá evidência à notoriedade de pessoas e temas, fato considerado atributo decisivo na relevância jornalística dos conteúdos.

Com a nota intitulada “Curtição”, publicada no dia 7 de agosto de 2011, na Coluna Gerardo, podemos verificar um exemplo de como o colunista interage com os leitores: “Padre Albeni Galdino – que não é um religioso, apenas estudou num seminário – passou a última quinta-feira recebendo cumprimentos de todas as partes do estado. Explica-se: 4 de agosto é o Dia do Padre. Pode?”. A pergunta direcionada ao leitor indica o espanto do colunista, mas também a tentativa dele de aproximação com o público.

As marcas discursivas próprias do colunismo social são inúmeras e ganham contornos definitivos quando confrontados com a aparência física e os modos de vestir dos atores e personagens “colunáveis”. São exemplos dessas marcas: “beleza estonteante”, “presença reluzente”, “chiquérrima”, entre outras.

A partir da leitura das colunas sociais que compõem o *corpus* de nossa análise, percebemos que a jornalista Goretti Zenaide é a que menos busca adjetivar o seu discurso, preferindo em muitas legendas apenas nomear os atores nas fotos, suas

respectivas profissões e as ações do momento. Quando não, prefere utilizar os substantivos como alegria e felicidade para narrar o que se encontra visível nas imagens.

De todo modo, percebemos que as colunas sociais analisadas não sobrevivem apenas dos adjetivos, dos bajulos clássicos e das frivolidades cotidianas, mas buscam, por outro lado, satisfazer a necessidade de informação do público-leitor, dos que buscam saber notícias apenas dos eventos culturais e sociais aos que buscam ainda informações e comentários da classe política local.

O PMDB nacional decidiu que vai lançar candidatura própria em todas as cidades brasileiras. Em João Pessoa o nome mais provável do partido é o do deputado federal Manoel Júnior que vem realizando reuniões plenárias em diversos bairros da cidade e ambiciona o cargo. (Coluna Abelardo Jurema, 10 de julho de 2011).

O gênero coluna desfruta da propriedade de lançar ideias e insinuações, o que na área de política se faz com mais rigor, em razão do nível de influência que dispõe o colunista. Segundo Chaparro (2008) a coluna emite opiniões temporalmente contínuas sincronizadas com o emergir e o repercutir dos acontecimentos. Contudo, é fácil notar que nem sempre o que é divulgado na coluna social refere-se à opinião direta de quem a assina, preferindo o colunista a falar por terceiros, no caso, “amigos da coluna”:

De um amigo da coluna à propósito de toda essa discussão à respeito da proposta do Governo em permutar um terreno com o empresário Roberto Santiago para construção de um novo shopping center: “quando chegam empresários de fora, que nada significam para a cidade, que ninguém conhece e que só fazem ganhar dinheiro aqui e levar para os seus estados, eles são tratados como príncipes e cobertos de privilégios. Se é com um cara que nasceu e vive aqui, investe aqui, que concentra aqui a sua família, os seus negócios e a sua vida, fazem todo esse *linchamento* e o tratam como um explorador selvagem”, acentua. (Coluna Abelardo Jurema, 17 de julho de 2011, grifo do autor).

A nota acima, intitulada “Critérios (1)”, fala acerca de um fato polêmico local, envolvendo a troca de um terreno entre o Estado e um rico empresário, dono do maior shopping da capital. A questão gira em torno do valor do terreno oferecido por parte do Governo que era muito inferior em relação ao terreno do empresário, levantando

hipóteses na mídia de “favorecimentos”. O que se vê na nota, sob o ponto de vista do discurso, é que o colunista social transporta um diálogo cotidiano entre ele e um “amigo” para a sua coluna, dando voz a este interlocutor, assim como faz o jornalismo noticioso. Fato que ainda continua por meio de outras duas notas: “Critérios (2)” e “Critérios (3)”.

O público-leitor das colunas sociais é diversificado e abriga, além das pessoas que buscam em suas páginas diversos conteúdos, os atores que compõem o seu cenário, seja pela imagem ou discurso. Esses atores, obviamente, buscam ser reconhecidos socialmente e se firmar no rol dos “colunáveis”.

Dessa maneira, não podemos ignorar (nem tão pouco cair na obviedade do tema) que o colunismo social, por sua carga “mágica”, alimenta a vaidade das pessoas (das que se vêem nas colunas e das que desejam ser vistas). Esses novos olímpicos, segundo Morin (2005), formam uma nova alta sociedade, mais mitológica do que as antigas altas sociedades burguesas ou aristocratas, mas, paradoxalmente, mais próxima da vida cotidiana e do imaginário popular.

A “alta sociedade” impressa nas colunas sociais, ou a denominada “elite”, justifica sua existência e administra suas ações por meio dos conjuntos de histórias, cerimônias, adornos, formalidades e pertences. O colunista é aquele que torna essa elite visível e a coluna é o espaço demarcado de visibilidade e legitimação de *status*.

Vejamos a nota intitulada “Estilo”, publicada na Coluna Gerardo do dia 3 de julho de 2011:

Está virando mania – tem muita gente se preparando com toda a disciplina – praticar o golfe na Paraíba. O campo montado no Condomínio Águas na Serra, em Bananeiras, todos os dias, tem sido reservado para os novos talentos. Entre os atletas da riquíssima modalidade – só para citar alguns – estão Wilbur Jácome, Aracoeli e Elisa Ramalho. Chiquérrimos.

Percebe-se por meio da nota que o cotidiano de poucos é reservado à prática de um esporte caro e que carrega consigo um adjetivo que serve bem a essa camada restrita da sociedade: chique. O relato do cotidiano dos “chiques” demonstra como são as interações promovidas pelos sujeitos que dão sentido ao social, e também a magia e o *glamour* de pertencer a essa classe. Dessa forma, a coluna social pode ser um exercício

de legitimação da “alta sociedade”, já que o extraordinário suscitado por ela só existe na medida do seu conteúdo cotidiano.

Considerações finais

Os colunistas buscam no cotidiano a fonte de seus assuntos. O registro do cotidiano nas colunas sociais dar-se a partir da inscrição das formas sociais e dos temas que surgem do espaço público. Esse registro é o próprio discurso que, com toda sua carga subjetiva, é transformado num modo de produção social.

Com os exemplos apresentados e com a leitura de outras configurações discursivas aqui não demonstradas, percebemos a coluna social como “expressividade do diálogo cotidiano, como interseção de vozes que mais do que uma relação com a matéria narrativa, constitui-se como uma relação com o mundo” (SILVA, 2010, p. 06), como um modo sensível de conceber a vida cotidiana.

Dessa forma, podemos compreender as colunas sociais como sendo um campo de confluências de vozes e de experiências concretas vividas pelos sujeitos (festas, jogos, trabalho, lazer, etc.). Experiências essas que constituem e descrevem a realidade social. A coluna social seria, portanto, um espaço de visibilidade das interações sociais e um indicativo de socialização ou socialidade.

Com esse trabalho, buscamos outra lógica para entender como o colunismo social, que se presta a narrar a vida em sociedade, pode gerar em nós sensações, prazeres e como pode também apreender impecavelmente os atos mais simples da vida cotidiana, as situações mais banais e fantásticas que nos cerca e que, às vezes, nem notamos, assim como não notamos a relevância social (e acadêmica) desse tipo comum de jornalismo.

Referências

BORN, Ani Mari Hartz. **Mídia e vida social**: uma reflexão sobre categoria, gênero e subgênero. Intercom, mai. 2010. Disponível em:
<<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2010/resumos/R20-0523-1.pdf>>
Acesso em: 20 jan. 12.

BRETAS, Beatriz. Interações cotidianas. In: FRANÇA, Vera; GUIMARÃES, César. **Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Sotaques d'aquém e d'além mar: travessias para uma nova teoria de gêneros jornalísticos**. São Paulo: Summus, 2008.

MAFFESOLI, Michel. **A conquista do presente**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

_____. **O conhecimento comum: introdução à sociologia compreensiva**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no Século XX: o espírito do tempo**. 9ª ed. Vol. I – Neurose. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

PEREIRA, Wellington. A mídia e a construção do cotidiano (uma epistemologia do social midiático). In: CHRISTOFOLETTI, Rogério; MOTTA, Luiz Gonzaga. **Observatórios de mídia: olhares da cidadania**. São Paulo: Paulus, 2008.

SEIXAS, Lia. **Redefinindo os gêneros jornalísticos: propostas de novos critérios de classificação**. Covilhã: LabCom Books, 2009.

SILVA, Paula Francinete da. **A coluna social como gênero de fofoca**. Brasília: UNB, 2010. Tese de Doutorado.